

Mira! – Artes Visuais Contemporâneas dos Povos Indígenas

Introdução

María Inês de Almeida

Resumo

O projeto *Mira! Artes Visuais Contemporâneas dos Povos Indígenas* nasceu com o intuito de trazer as muitas visões de mundo dos povos originários da imensa região pan-amazônica. O projeto *Mira!* com a exposição de 125 obras de artistas indígenas (pinturas, esculturas, arte digital) quer mostrar ao público que, ao lado de estéticas ligadas ao mundo ocidental, há aquelas que se depuram em outros ambientes. Cinquenta e quatro artistas indígenas de Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador e Peru estão participando da exposição *Mira!* Alguns artistas foram convidados a expor seus pensamentos e a debater sobre suas visões no seminário ocorrido em Belo Horizonte, em junho de 2013, quando a *Mira!* foi inaugurada.

Palavras chave: artes visuais indígenas; exposições de arte; pintura indígena; países andino-amazônicos.

Mira! – Contemporary Visual Arts of Indigenous Peoples: Introduction

Abstract

The project *Mira! Contemporary Visual Arts of the Indigenous Peoples* was born with the aim of bringing together the many world views of the native peoples of the immense pan-Amazonian region. The project *Mira!*, with the exhibition of 125 works of indigenous artists (paintings, sculptures, digital art), seeks to show to the public that, alongside the aesthetics of the Western world, there are other ones that have arisen from other environments. Fifty four indigenous artists from Brazil, Bolivia, Colombia, Ecuador and Peru are participating in the *Mira!* Exhibition. Some of these artists were invited to expose their thoughts and to debate about their visions in a seminar that took place in Belo Horizonte in June 2013, when *Mira!* was inaugurated.

Keywords: indigenous visual arts; art exhibitions; Andean-Amazonian countries.

María Inês de Almeida é professora da Faculdade de Letras e Diretora do Centro Cultural da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), coordenadora do Núcleo Transdisciplinar de Pesquisas Literaterras: escrita, leitura, traduções. Curadora da exposição *Mira! Artes Visuais Contemporâneas dos Povos Indígenas*. crenac@terra.com.br

Para poder dizer da importância de aprendermos a ler com os índios, basta acompanhar o Movimento de Artistas Huni Kuin, o grupo Mahku, que vive no Acre, às margens do rio Jordão, no vale do Juruá. O pesquisador Huni Kuin (ou Kaxinawá) Ibã Sales tem desenvolvido pesquisas sobre “as ervas perfumadas da floresta” e os cantos do *nixi pae* (momento em que os Huni Kuin se encontram para buscar a força, com a ayauasca). Desde os anos noventa, ele vem aprendendo a cantar os cantos de seus antepassados. Em 2008, iniciou uma aproximação muito fértil com o Núcleo Transdisciplinar de Pesquisas Literaterras, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), enquanto também cursava a Licenciatura Intercultural na Universidade Federal do Acre, em Cruzeiro do Sul. Ali, suas pesquisas são orientadas pelo prof. Amilton Mattos. Com esta orientação, Ibã começou a gerar imagens para acompanhar os cantos e Amilton as fazia movimentar em audiovisual. Criaram, com os desenhos dos huni kuin da família Sales (filhos e sobrinhos de Ibã), breves filmes de animação – poemas, que, de alguma forma, transmitem aos espectadores uma miração.



Artista: Keã Huni Kuĩ / Obra: *Nai Māpu Yubekā*. Coleção: *O espírito da floresta* / Técnica: Cera sobre papel / Dimensões: 30 x 42 cm (Almeida & Matos 2013: 213).

Desta experiência, o Grupo Mahku foi criado. E foi ficando cada vez mais produtivo, com exposições bem sucedidas na Biblioteca da Floresta (Rio Branco), Fundação Cartier (Paris), Centro Cultural UFMG (Belo Horizonte), Museu Nacional dos Correios (Brasília), Instituto Tomie Otake (São Paulo), dentre outras.

O caso acima sumariamente relatado ilustra um dos sentidos que nos orientaram quando, na direção do Centro Cultural UFMG, decidimos realizar o projeto *Mira! Artes Visuais Contemporâneas dos Povos Indígenas*. Os artistas, individual ou coletivamente, estão decididos a entabular com o público um diálogo e um comércio. Coube às universidades o papel da intermediação. Desse ponto de vista, devíamos promover uma espécie de laboratório para experiências tradutórias. Interessante que a arte, em sua dimensão curativa, seja o canal, e o amálgama, dessa relação entre as diferentes cosmovisões. O projeto *Mira!* nasceu com o intuito de trazer para a contemporaneidade dos diversos cidadãos as muitas visões de mundo dos povos originários da imensa região pan-amazônica.

O poder transformador da arte é que constitui seu poder de cura. E a arte ou a cura só acontecem quando o que se vê, porque está ali agora, é contemporâneo. O projeto *Mira!* com a exposição de 125 obras de artistas indígenas (pinturas, esculturas, arte digital) e com seminários para se cultivar o entendimento das ideias que presidem essas obras, quer mostrar ao público que, ao lado de estéticas ligadas ao mundo ocidental, há aquelas que se depuram em outros ambientes.

Se a história do contato entre povos diferentes é projetada pelos que vivem do lado da civilização da escrita alfabética, ela também pode ser contada pelos que vivem a resistência, pelos que sofrem opressões sucessivas, pelo fato de não viverem segundo os princípios da civilização dominante. A violência das guerras e da exploração econômica são temas que os artistas da *Mira!* tornam contemporâneos do público das cidades, porque as pessoas desse público também sofrem, no seu dia-a-dia, a violência do capital.

Para os visitantes da exposição *Mira!* há uma boa nova que é a de que tudo está ligado a tudo, e que o objeto artístico funciona como um fio de ligação. A arte total é a que nos conecta com o mundo e nos faz retornar a nós mesmos. Além de pai e mãe, temos também a paisagem, o terceiro sexo, a nossa mãe terra. E o olhar é o instrumento da cópula. A iconicidade – rapidez e a exatidão dos sinais – também inclui o ritmo, o som, por isso as obras visuais expostas cantam histórias ao

público. Não à toa “Ver, ouvir, ler” foi a última lição que aprendemos com Lévi-Strauss.

Os Andes, a Amazônia, dois mundos interligados e que sempre estiveram em relação, numa resistência mais ou menos camuflada contra o domínio europeu. Mesmo que tenham que ceder a estéticas e éticas a eles estranhas, os artistas indígenas representam seus povos, suas famílias, a paisagem de sua língua. Isto fica muito claro em suas falas, nos debates dos seminários que acompanham a mostra de artes visuais, com a participação dos artistas no projeto *Mira!* Fundamental na compreensão de suas obras é o conhecimento dos seus mestres, os que vivem entre sua gente – mesmo no caso de artistas que frequentam universidades – ou os que vivem no mundo espiritual, como é o caso da ayauasca, do rapé, da Santa Maria.

Uma pesquisa pelos meios artísticos em que transitam indígenas, no Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Peru, nos apontou mais de setenta artistas (assinaturas) que nos disponibilizaram cerca de trezentas obras. Destes, cinquenta e quatro efetivamente estão participando da exposição *Mira!* com o aval de um conselho curador formado por conhecedores da arte contemporânea. Alguns artistas foram convidados a expor seus pensamentos e a debater sobre suas visões no seminário ocorrido em Belo Horizonte, em junho de 2013, quando a *Mira!* foi inaugurada.

Referencias

ALMEIDA, Maria Inês de, e Beatriz MATOS (eds.). 2013. *Mira! Artes Visuais Contemporâneas dos Povos Indígenas = Artes Visuales Contemporâneas de los Pueblos Indígenas*. Tradução ao espanhol de Edgar BOLÍVAR-URUETA & Eduardo ASSIS MARTINS. 1ª ed. Belo Horizonte (Brasil): Centro Cultural UFMG.

Data de submissão: 6 de agosto de 2014
Data de aceitação: 31 de agosto de 2014